

As Concepções da Mídia sobre Ensinar/ Aprender Inglês: Uma Análise do Discurso Midiático

Carmen HORNICK ¹
UFMT

Resumo: Neste artigo realizo uma análise de uma reportagem da revista *Veja*, sobre o fenômeno da necessidade de saber inglês, veiculado pela mídia nos anos 80. Meu objetivo é discutir o processo de formação do “verdadeiro” sobre ensinar/aprender inglês, sob uma perspectiva analítica de discurso. Início analisando os aspectos lingüísticos, para que, através da materialidade da língua, os aspectos da heterogeneidade constitutiva revelem-se e possibilitem uma maior compreensão de tal fenômeno.

Palavras-chave: discurso, mídia, heterogeneidade constitutiva, interdiscurso.

Abstract: The aim of this paper is to discuss the process of building common sense theories about teaching and learning English as a second language in Brazil. From a discourse analytical perspective, I intend to observe the phenomenon through the discourse of a weekly magazine called *Veja*. In the 80s, the necessity of leaning English as a second language was largely spread by the media, and, consequently, its concepts about a better way to learn as well. Through linguistic aspects analysis, I hope to understand the discursive heterogeneity that builds such discourse in order to grasp the understanding of the phenomenon.

¹ Carmen Hornick é aluna do Programa de Mestrado em Estudos de Linguagem (MeEL), da Universidade Federal de Mato Grosso. A área de concentração é a de Estudos Lingüísticos e a linha de pesquisa é a de Ensino/Aprendizagem de línguas. É professora de língua inglesa em uma escola regular de nível médio em Cuiabá-MT, Colégio Notre Dame de Lourdes; e também atua como professora da área de comunicação (língua materna) da UNIC em Cuiabá-MT.

Keywords: discourse, media, constitutive heterogeneity and interdiscourse.

Resumen: En este artículo, analizo un reportaje de la revista semanal *Veja*, vehiculada en la mídia en los 80, sobre el fenómeno de la necesidad de saber inglés. Lo hago con el objetivo de discutir el proceso de formación de “verdad” sobre enseñar/aprender inglés, bajo una perspectiva analítica del discurso. Comienzo por el análisis de los aspectos lingüísticos, para que, a través de la materialidad de la lengua, se revelen los aspectos de heterogeneidad constitutiva y se posibilite una mayor comprensión de dicho fenómeno.

Palabras-claves: discurso, mídia, heterogeneidad constitutiva, interdiscurso.

Introdução

Este artigo tem o propósito de examinar os sentidos produzidos pelo discurso da revista *Veja*, em uma reportagem publicada no ano de 1983, a qual trazia como tema primeiro o ensino/aprendizagem de inglês no Brasil. Tendo em vista o panorama histórico-cultural da época, as publicações anteriores da revista, que até então não se manifestava a esse respeito, considero a publicação escolhida como o discurso fundador sobre o tema, e, por isso, merecedor de um olhar científico e analítico. Quanto à revista, faz-se necessário esclarecer que é uma publicação semanal, de grande circulação e de reconhecido prestígio social. A escolha desse suporte midiático se justifica por sua proeminência como um veículo de projeção nacional, que circula praticamente em todas as cidades brasileiras, seja através de assinaturas ou de venda direta. É acessível em bibliotecas públicas e privadas e teve sua primeira publicação editada concomitantemente ao crescimento da classe média no Brasil (64-80). É época em que, juntamente com a concentração da população em grandes centros urbanos, onde um espaço cultural foi criado, os bens simbólicos como ensino, cultura e lazer, passaram a ser consumidos por um público cada vez maior (ORTIZ, 1994).

A organização social do poder simbólico é transformada através do desenvolvimento dos meios de comunicação. Esse desenvolvimento encontra-se imbricado com outros processos de

desenvolvimentos, que, segundo Thompson (1998, p. 12), se considerado de maneira total, constitui o que hoje chamamos de 'modernidade'. Por isso, para entendermos a sociedade moderna, a transformação social por ela imposta, devemos focalizar o desenvolvimento dos meios de comunicação e a sua influência sobre a sociedade. Sobre esse tema deixemos Thompson (1998, p. 14) enunciar

Quando os indivíduos usam os meios de comunicação, eles entram em formas de interação que diferem dos outros tipos de interação face a face que caracterizam a maioria dos nossos encontros quotidianos. Eles são capazes de agir em favor de outros fisicamente ausentes, ou responder a outros situados em locais distantes. De um modo fundamental, o uso dos meios de comunicação transforma a organização espacial e temporal da vida social, criando novas formas de ação e interação, e novas maneiras de exercer o poder, que não está mais ligado ao compartilhamento local comum.

Para Michael Foucault (1996), os discursos se constituem em monumentos, fontes inesgotáveis de recursos, fundadores de discursividade e todos têm uma vontade de verdade. O veículo onde o texto é circulado influencia a sua produção de sentidos e a ideologia implícita do suporte é uma das condições que possibilitam a irrupção desse discurso como tal. Althusser (1998) afirma que a ideologia não tem história, dá coerência às formações discursivas e constitui a produção de sentido, tornando-se um mecanismo de produção da verdade. O conjunto de formações discursivas que compõe o discurso é a 'expressão de' e 'organizado por' uma ideologia específica. A língua sempre aparece como representante de um sistema de termos lingüísticos, que revelam sistemas discursivos e ideológicos.

Pergunto-me então, como professora de língua inglesa, se o discurso circulante na mídia, situa o ensino/aprendizagem de inglês no Brasil em determinado lugar, ou seja, em interdiscursos de empregabilidade, tecnologização e ascensão social, formando e legitimando memórias discursivas as quais remetem ao processo de globalização. Entende-se por globalização um conjunto de mudanças instaurado, no período do pós-guerra, para garantir a continuidade da expansão econômica (FAIRCLOUGH, 2003, p. 4). Essa transformação envolve uma re-estruturação das relações econômicas, políticas e sociais,

incluindo a comodificação e a marketização de áreas como a educação e um reescalonamento de relações entre os diferentes níveis da vida social – o global e o regional, o nacional e o local.

Partindo do texto, composto por 8 páginas, delimitei como espaço discursivo a primeira parte da reportagem, que compõe a introdução ao tema da reportagem, a qual discute aspectos como a expansão do inglês, o ambiente de estudo, tradução, material didático, mercado de trabalho, sucesso profissional e sotaque. Como objeto de estudo focalizo o espaço de trocas entre discursos diversos, o que vem antes do discurso e qual a sua heterogeneidade constitutiva. Tal heterogeneidade constitutiva está relacionada ao primado do interdiscurso, assim comentado por Maingueneau (2005, p. 33):

quando os lingüistas precisam encarar a heterogeneidade enunciativa são levados a distinguir duas formas da presença do ‘Outro’ no discurso: a heterogeneidade ‘mostrada’ e a heterogeneidade ‘constitutiva’. Só a primeira é acessível aos aparelhos lingüísticos, na medida em que permite apreender seqüências delimitadas que mostram claramente sua alteridade (discurso citado, auto-correções, palavras entre aspas etc...) A segunda, ao contrário, não deixa marcas visíveis: as palavras, os enunciados de outrem estão intimamente ligados ao texto que não podem ser apreendidos por uma abordagem lingüística stricto sensu. Nossa hipótese do primado do interdiscurso inscreve-se nessa perspectiva de uma heterogeneidade constitutiva, que amarra, em uma relação inextricável, o Mesmo do discurso e o seu Outro.

Dentro deste contexto de interdiscurso, defino primeiramente as categorias lingüísticas e discursivas que serão analisadas. Em seguida, apresento a análise do título e subtítulo e, finalmente, a análise do texto. Retomo o primado do interdiscurso de Maingueneau (2005) na análise final.

1 A Análise do Discurso

Tomando como fio condutor deste trabalho os objetivos acima citados, no exame do *corpus*, identificamos algumas categorias lingüísticas e também discursivas para análise. Os critérios de relevância

e os de frequência foram as opções metodológicas escolhidas para o exame. O estudo do léxico presente no texto compõe a primeira categoria utilizada para a análise. A seleção lexical possibilita-nos observar como a questão está sendo abordada, como se caracteriza e como o uso de determinadas expressões colabora para a fixação de sentidos, conforme enuncia Fairclough (2001, p. 234)

A ênfase está nas palavras chave - que têm significado cultural geral ou mais local; nas palavras cujos significados são variáveis e mutáveis; e no significado potencial de uma palavra – uma estruturação particular de seus significados – como um modo de hegemonia e um foco de luta.

É através da seleção lexical, e também do inter-relacionamento dos campos lexicais, que se estabelecem as oposições, os jogos de palavras, as metáforas, o paralelismo rítmico, etc. (KOCH, 2004). Existem poderosas cargas de sentidos implícitos, colocadas estrategicamente no texto. Observe-se que a seleção lexical é uma das categorias mais importantes para a análise de títulos e subtítulos, pois a escolha de determinado termo situa o discurso em determinada categoria. O termo pode servir de índice de distinção, de familiaridade, de simplicidade ou pode estar a serviço da argumentação, revelando uma intenção (KOCH, 2004, p. 154).

Outra categoria aqui analisada é a relação interfrástica, que cumpre no discurso o papel de veicular significados. Através de tal categoria é possível observar se tipos de processo e participantes particulares estão favorecidos no texto, apontando para um interesse maior na agência, na expressão de causalidade e na atribuição de responsabilidade (FAIRCLOUGH, 2001). Mediante o emprego de determinado tipo de oração, vamos encontrar pistas sobre a motivação de fundo ideológico no discurso da revista.

Examinamos, ainda, a categoria dos tempos verbais no discurso, tomando como base epistêmica a proposta de H. Weinrich (apud KOCH 2004) que, estudando os tempos verbais do francês, constata que estes não têm vinculação com o Tempo (“Cronos”) e que distribuem-se em dois sistemas temporais: o mundo narrado e o mundo comentado. O primeiro diz respeito aos relatos, literários ou não; que trata de acontecimentos relativamente distantes, admitem do

interlocutor uma posição menos tensa. Ao segundo, pertencem a lírica, o drama, o ensaio, o diálogo, o comentário etc. O interlocutor é afetado diretamente, está comprometido a reagir. Tal forma de empregar a linguagem pode ser útil para que se revele a real intenção do autor, o que de fato ele espera de seu interlocutor.

A argumentação e a retórica são analisadas através da polifonia, dos operadores discursivos e argumentativos, na tentativa de observar que propósitos desempenham no discurso e como se associam a estratégias discursivas para fixar significados. Os conceitos dos termos utilizados neste trabalho são os conceitos mobilizados por Koch (2004), baseados na tese de Ducrot e Vogt, na qual a noção de polifonia é definida como “a incorporação que o locutor faz ao seu discurso de asserções atribuídas a outros enunciadores ou personagens discursivos.” O uso dos operadores está ligado à argumentatividade do texto, a qual está inscrita na língua e permite que várias leituras sejam possíveis, não representando apenas algo acrescentado ao uso lingüístico. Têm a pretensão de orientar o leitor para determinada conclusão (KOCH, 2004, p. 102).

Finalmente, são necessários alguns esclarecimentos. Primeiramente, usarei ao longo deste trabalho, exemplos dos enunciados extraídos do texto do *corpus*, que pode ser visualizado abaixo. Fiz desta forma para facilitar a exposição das categorias em análise, resumindo sua apresentação e discussão aos trechos mais relevantes do texto.

Em segundo lugar, a escolha dessas categorias lingüísticas não significa dizer que somente elas estão sendo consideradas. Mas sim, que por sua relevância e recorrência no discurso recebem um papel de destaque no espaço discursivo escolhido.

Realizadas as ressalvas, vamos a seguir, ao texto e em seguida à análise.

O Brasil speaks English

Decididos a aprender seu segundo idioma e melhorar o seu futuro profissional, milhares de brasileiros ingressam em cursos de inglês

Desde o fim da Segunda Guerra Mundial, o inglês tornou-se o idioma mais falado no mundo. E, com o crescimento econômico do Brasil, milhares de brasileiros decidiram aprender o idioma para melhorar suas chances de emprego e de negócios. Segundo dados do Instituto Britânico de Idiomas, em 2005, mais de 10 milhões de brasileiros estavam aprendendo inglês em cursos particulares ou em escolas públicas. O crescimento do ensino de inglês no Brasil é um reflexo da importância que o idioma tem no mundo globalizado. Além disso, o inglês é considerado o idioma mais útil para quem quer trabalhar em uma empresa multinacional ou em uma empresa que exporta produtos para o exterior.

Em inglês e marketing, que são de grande valor para os negócios. O curso de inglês para quem quer trabalhar em uma empresa multinacional é muito valorizado. Além disso, o inglês é considerado o idioma mais útil para quem quer trabalhar em uma empresa que exporta produtos para o exterior.

Segundo o Instituto Britânico de Idiomas, em 2005, mais de 10 milhões de brasileiros estavam aprendendo inglês em cursos particulares ou em escolas públicas. O crescimento do ensino de inglês no Brasil é um reflexo da importância que o idioma tem no mundo globalizado. Além disso, o inglês é considerado o idioma mais útil para quem quer trabalhar em uma empresa multinacional ou em uma empresa que exporta produtos para o exterior.



Carvalho (à esquerda), no vestibular de uma escola de idiomas.

Segundo o Instituto Britânico de Idiomas, em 2005, mais de 10 milhões de brasileiros estavam aprendendo inglês em cursos particulares ou em escolas públicas. O crescimento do ensino de inglês no Brasil é um reflexo da importância que o idioma tem no mundo globalizado. Além disso, o inglês é considerado o idioma mais útil para quem quer trabalhar em uma empresa multinacional ou em uma empresa que exporta produtos para o exterior.

1.1 O Título e o Subtítulo

Considerando que título e subtítulo são, normalmente, a primeira coisa que se lê em uma reportagem, não é difícil perceber como sua apresentação tende a encaminhar o leitor a determinado tipo de interpretação. Neste trabalho, considero o título como categoria lingüística e discursiva, pois as escolhas gramatical e lexical arquitetam alguns sentidos e não outros no discurso. Apresento primeiramente o título, seguido de sua análise e, então, o subtítulo e sua análise, respectivamente:

(T) *O Brasil speaks English*

Podemos identificar alguns preceitos centrais desta formação discursiva:

(a) O título apresenta um hibridismo, o qual cria uma articulação que brinca com as duas línguas.

(b) O uso de uma oração transitiva implica um significado ideacional: existe um processo individual/coletivo em ação: “O Brasil” – estamos todos incluídos.

(c) “O Brasil”, em discurso direto, corresponde ao tema, ou seja, é considerado como uma informação já conhecida pelos intérpretes do texto (FAIRCLOUGH, 2001).

Remete o leitor a uma situação de reconhecimento e fixação de uma idéia que deseja inscrever-se como verdadeira e conhecida por todos.

(d) O discurso que está na base é de que no Brasil não se fala mais sobre o idioma: fala-se o idioma.

(e) A oração é declarativa e apresenta-se no presente do indicativo. O tempo verbal utilizado é categoricamente autoritário. Alguém dizendo em termos seguros o que está acontecendo e alguém que recebe a informação (FAIRCLOUGH, 2001).

(ST) **Decididos a aprender seu segundo idioma e melhorar seu futuro profissional, milhares de brasileiros ingressam em cursos de inglês.**

O subtítulo, em conjunto com o título, constrói alguns efeitos específicos de grande relevância ao leitor, como se pode observar na análise:

(a) O tempo verbal escolhido é o presente do indicativo. Este tempo verbal pertence ao grupo do mundo comentado (KOCH, 2004) e adverte o leitor de algo que o afeta diretamente e exige sua resposta, sua reação.

(b) Na asserção: [...] *aprender seu segundo idioma e melhorar seu futuro profissional* [...] O operador discursivo “e” liga os atos de fala que encerram atos de argumentação por

autoridade polifônica. Reforça e acrescenta um peso particular de dois elementos orientados para o mesmo sentido.

(c) Existe também uma oposição implícita: melhorar seu futuro profissional **X** não melhorar, não ter sucesso.

(d) E ainda uma expressão portadora de sentido implícito na seguinte asserção: [...] **ingressam** em cursos de inglês

Conforme a definição de Celso Pedro Luft (1996), o verbo *ingressar* significa ser admitido em uma sociedade, corporação, ordem. Este índice de argumentação situa o objeto do discurso dentro de determinada ideologia: estar dentro X estar fora.

1.2 O Texto

O tempo verbal escolhido para tal gênero textual foi o pretérito imperfeito, estabelecendo um deslocamento da temporalidade. No título e subtítulo o predomínio é do tempo comentado, onde é implicitamente exigida do leitor uma ação. Ao iniciar o texto, o autor desloca-se para o mundo narrado (Koch 2004), impondo ao interlocutor o papel de simples ouvinte.

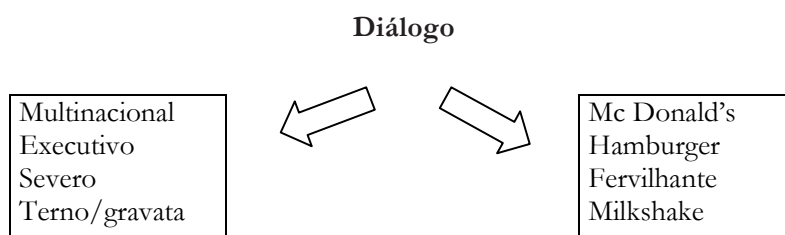
Ao narrar a descrição do cenário as oposições presentes na situação são reveladas através da escolha lexical. Por um lado temos a descrição da vestimenta dos personagens, algo severo e formal. Por outro lado, a descrição da paisagem humana exibida na lanchonete. Tal oposição tem o objetivo de estabelecer a incongruência da situação, visto que esta lanchonete é uma empresa multinacional, de origem americana, onde as refeições servidas, basicamente sanduíches, preservam a nomenclatura em inglês, e que, no Brasil atrai especialmente o público pré-adolescente, adolescente e jovem adulto.

O uso de expressões intercaladas, de maneira acessória como na asserção [...] – *Sempre em inglês*. traz para o discurso o argumento que o autor deseja ressaltar. Neste caso, depois de relatar o tempo da conversação e o modo como conversação, o autor faz referência à língua utilizada, servindo-se da oração intercalada para ressaltar o idioma em que transcorria a situação.

Dois campos lexicais se inter-relacionam no estabelecimento do cenário:

- a) espaço descontraído
- b) espaço sério

O quadro abaixo ilustra a situação descrita mediada pelo diálogo, em língua estrangeira:



Embora as escolhas lexicais estabeleçam as diferenças, o autor articula para que se possa perceber que, apesar de se tratar de universos diferentes, a língua os coloca em contato, é a mediadora entre esses universos que, afinal, têm muito em comum. A língua torna-se a chave para a circulação no mundo jovem e descontraído e também para a circulação no mundo dos negócios.

Para trazer autoridade à sua argumentação, o autor busca apropriar-se da fala do próprio executivo, criando desta forma, um diálogo interdiscursivo, trazido para o texto com a intenção de imprimir veracidade e autoridade à voz da revista. Vejamos os enunciados:

- (a) *"Hoje a aula rendeu"*
- (b) *"Já passei por vários outros cursos, mas em nenhum consegui os resultados que estou alcançando agora."*
- (c) *"Além de aprender a falar sobre o trivial, tenho aulas específicas com vocabulário para finanças e marketing, que são de grande valia para meu trabalho."*
- (d) *"This is a book."*

No exemplo (b) é possível notar a recuperação de um discurso em que, para obter bons resultados em pouco tempo, é necessário um alto investimento. No entanto, o argumento decisivo do discurso do executivo apresenta-se na afirmação (c), na qual ele apresenta, a título de acréscimo, como se fosse desnecessário o aprendizado de vocabulário específico para as finanças. (Retórica do camelô, DUCROT, 1980).

No exemplo **(d)**, o recurso da polifonia é utilizado e marcado, representando a fala dos 500.000 brasileiros que são “compelidos” a estudar inglês.

Observemos o seguinte enunciado:

(e) [...] *parecia radiante.*

O autor utiliza-se da polifonia argumentativa, trazendo para o discurso a avaliação de terceiros, atribuindo a estes a responsabilidade da opinião e mantendo seu distanciamento com relação ao julgamento da cena.

Em ritmo progressivo, o autor move o foco, que *a priori* estava sobre o executivo, para os estudantes brasileiros de forma generalizada. Assim, estabelece a comparação entre a situação vivenciada pelo executivo, a sua satisfação, seu sucesso e descreve, a seu modo, a conjuntura dos estudantes brasileiros.

(f) [...] *cerca de 500.000 brasileiros de diferentes idades, com variados métodos em distintos cursos espalhados pelo país, ao menos uma vez por semana são compelidos a olhar para um livro [...]*

A expressão selecionada para descrever a ação praticada pelos estudantes é uma expressão portadora de sentidos implícitos que, conforme Luft (1996), significa ser obrigado, empurrado, forçado, constrangido. Observe a posição antagônica entre a situação do executivo e a realidade dos estudantes brasileiros.

Ao percorrer sua narrativa sobre os estudantes brasileiros, o autor se utiliza do recurso de oração intercalada, com o objetivo de enfatizar e destacar o número de alunos em escolas regulares. Veja:

(g) *“nessas escolas, atualmente, 9,5 milhões de crianças assistem às aulas desse idioma.*

E complementa utilizando um operador argumentativo:

(h) *“Mas alguma coisa ali não funciona bem.”*

O argumento (g) aponta para o aspecto positivo de que um grande número de estudantes assiste aulas, em oposição a aprendem, do idioma. Embora mantendo esse argumento, o locutor introduz o outro argumento (h), que vai em direção oposta, desqualificando assim, o trabalho realizado nas escolas regulares.

1.3 Sob a Óptica do Interdiscurso (MAINGUENEAU, 2005)

O objeto deste estudo constitui-se no espaço de trocas entre discursos diversos, o que vem antes do discurso e qual a sua heterogeneidade constitutiva, não-marcada, como ocorre a manifestação do “Outro” no discurso.

É possível observar, através das formações discursivas selecionadas - doravante citadas como FDs -, que nesse universo discursivo dialogam, em uma relação polêmica, os conceitos circulados pela mídia sobre a ineficiência do ensino formal de línguas, que, nesse discurso é representado pelas escolas regulares, e o sucesso das aulas fora da escola, representado por escolas de idiomas com propostas diferenciadas.

Os campos discursivos apresentam FDs em relação antagônicas e de concorrência. Por um lado, é apresentado o sucesso das aulas realizadas fora da sala de aula, consideradas pelo autor como motivadoras e proveitosas. Por outro lado, fala-se sobre o fracasso institucional da escola regular em relação ao ensino/aprendizagem de línguas.

O “Outro” é trazido para o espaço discursivo, através de uma pessoa bem-sucedida, funcionário de uma multinacional. Um executivo, bem vestido e com poder aquisitivo suficiente para assegurar-lhe o “ingresso” em um curso de inglês no qual ele aprende de forma eficiente e rápida. O que, conforme sua fala, transcrita em discurso direto, também o coloca em posição de vantagem no mercado de trabalho. Nesse ponto, torna-se bastante perceptível a constituição do discurso como verdade sobre o relacionamento entre falar o idioma e a empregabilidade.

Através das FDs, que são atravessadas por outras FDs, é possível recuperar conceitos circulantes historicamente. Pode-se notar que pouco se fala da escola regular no texto em sua totalidade. A fala sobre a escola regular foi sacrificada para que permanecesse somente o discurso favorável à descontração associada ao aprendizado de L2. As fotos trazidas pelo autor, a fala do executivo e os enunciados legitimam o posicionamento ideológico em que se inscreve o suporte midiático em observação. Silencia a voz da escola regular, colocando-a na situação de interdito, do dizer errado.

Considerações Finais

A análise apresentada evidencia a formação do discurso historicamente circulante sobre aprender inglês. Observa-se a voz da mídia, que se mostra como forma de exercício de poder na modernidade, asseverando a constituição de um discurso carregado de ideologia, sobre a importância de falar inglês para obter sucesso e qual a melhor forma de aprendê-lo.

O suporte midiático analisado constrói a imagem do ensino de inglês nas escolas regulares como ineficiente, legitimando, através de números que destaca, um discurso que, conforme a pesquisa de Gasparini (2005), aparece inscrito no interdiscurso que os alunos reproduzem sobre ensinar/aprender inglês na escola. Em seu trabalho, salienta ainda, que na produção de concepções sobre ensinar/aprender inglês no contexto escolar, os alunos reproduzem o que ele chama de supostas “verdades” sobre o tema. Este trabalho parece demonstrar justamente como ocorre a formação de tais “verdades” inscritas no verdadeiro da época. Conforme Foucault (1996), uma proposição deve conter exigências complexas para pertencer ao conjunto de uma disciplina, que a regula e que limita seu pertencimento. Tomando a revista *Veja*, e toda a sua representatividade na sociedade atual, observando a heterogeneidade constitutiva de seu discurso e a ideologia expressa, não haveremos de estranhar que tanto alunos como professores reproduzam esse discurso característico. O processo de globalização vivenciado em escala mundial torna-se solo fértil para a irrupção de tais discursos, que, apesar de revelarem pouco de científico, inscrevem-se no interdiscurso de professores e alunos.

Referências Bibliográficas

ALTHUSSER, L. **Aparelhos ideológicos de Estado**. Rio de Janeiro: Graal, 1998.

FAIRCLOUGH, N. **Analysing discourse: textual analysis for social research**. Londres/Nova Iorque: Routledge, 2003.

_____. **Discurso e mudança social**. Trad. I. Magalhães et al. Brasília: UNB, 2001.

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**. Trad. L.F. de A. Sampaio. São Paulo: Loyola: 1996.

GASPARINI, E. N. Sentidos de ensinar e aprender inglês na escola de ensino médio e fundamental – uma análise discursiva. **Polifonia**, Cuiabá, n. 10, p. 159-175, 2005.

KOCH, I. V. **Argumentação e linguagem**. São Paulo: Cortez, 2004.

LUFT, C. P. **Dicionário Luft**. São Paulo: Ática, 1996.

MAINGUENEAU, D. **Gênese dos Discursos**. Trad. Sírio Possenti. Curitiba: Criar Edições, 2005.

ORTIZ, R. **Mundialização e cultura**. São Paulo: Brasiliense, 2003.

REVISTA VEJA. **O Brasil speaks English**. 19 out., 1983

THOMPSON, J. B. **A mídia e a modernidade; uma teoria social da mídia**. Trad. W. de O. Brandão. Petrópolis: Vozes, 1998.